



Reflexões sobre a memória na ficção de Machado de Assis e na obra de Paul Ricoeur

Renato Novaes Chaves*, Maykon dos Santos Marinho e Luciana Araújo dos Reis

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem Querer, Km 4, Cx. Postal 95, 45083-900, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

*Autor para correspondência: rnc_novaes@hotmail.com

RESUMO. O objetivo desta pesquisa é analisar a concepção de memória na ficção romancista: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e na obra *A Memória, A História e o Esquecimento*, de Paul Ricoeur; bem como apresentar algumas singularidades da referida obra machadiana à luz da teoria deste último. O *corpus* constituiu-se em bases bibliográficas, sendo que as fontes secundárias foram obtidas a partir do romance de Machado de Assis e da obra de Ricoeur. Procedeu-se a análise crítica dos livros por meio de uma revisão narrativa. Os resultados evidenciaram que Ricoeur entende a memória como uma experiência que o indivíduo tem de ressignificar ou representar; a memória é tratada e discutida na perspectiva de atribuir um dever de legitimação. Em Machado de Assis, tem-se uma descrição qualitativa da memória como uma experiência vivida. Ele revela diferentes aspectos da memória, uma vez que as lembranças são usadas de um modo muito dinâmico. As singularidades mostraram que em *Brás Cubas* a memória, empregada enquanto recurso artístico, revela-se autêntica, pois a lembrança evocada pelo protagonista confere à memória um significado de verdade.

Palavras-chave: História; Brás Cubas; Literatura; Ciências Sociais; Interdisciplinar.

Reflections on memory in fiction of Machado de Assis and on the work of Paul Ricoeur

ABSTRACT. The goal of this research is to analyze the design of memory in fiction novelist: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, as well as in the work: *A Memória, A História e o Esquecimento*. And present some singularities of this work machadiana the light of Ricoeur's theory. This is a review article, classified as qualitative. The corpus is formed from bibliographic bases, being the secondary sources from the novel by Machado de Assis and the work of Paul Ricoeur. The critical analysis was made of the books from a narrative review. The results show that Ricoeur understands memory as an experience that the individual has to resign or represent; and that memory is addressed and discussed, in order to assign a duty of legitimation. In Machado de Assis, a qualitative description of the memory as a lived experience. It reveals different aspects of memory, because memory is used in a very dynamic way. The singularities and showed that in *Brás Cubas*, the memory used while artistic feature reveals itself as authentic, because the memory evoked by him gives the memory a meaning of truth.

Keywords: Story; Brás Cubas; Literature; Social Sciences; Interdisciplinary.

Introdução

O desenvolvimento deste artigo¹ baseia-se em uma discussão a respeito da memória a partir das obras de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e de Paul Ricoeur, *A Memória, A História e o Esquecimento*. O interesse por empreender esta análise surgiu a partir da possibilidade de entender melhor as teorias da memória, como forma de aprimorar os conhecimentos na área, bem como a possibilidade de subsidiar um diálogo entre autores de estilos tão diferentes.

Aproximar a literatura de ficção da história e da memória é uma tarefa árdua, uma vez que cada uma

tem seus métodos e epistemologias; logo, nenhuma dessas áreas tem prioridade sobre a outra, pois todas têm suas particularidades e são discutidas nos espaços acadêmicos (Rangel, Pereira, & Araújo, 2012).

Nesse sentido, ao pensar o lugar que a memória ocupa na literatura de ficção é interessante recorrer a Ricoeur, visto que ele desenvolveu diversos recursos teóricos que nos permitem refletir sobre o mundo textual. Por meio da hermenêutica, esse pensador francês desenvolveu conceitos e definições acerca de narrativas históricas e ficcionais que contribuíram para a análise textual e narrativa (Vilarinho, 2013).

Ainda conforme Vilarinho (2013), a hermenêutica de Ricoeur, que considera o passado

¹As referidas obras são: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *A Memória, a História e o Esquecimento*, de Paul Ricoeur.

como um produtor de sentido, é uma importante ferramenta para compreender o outro por meio da escrita, pois a interpretação das narrativas é ampla e abarca diversos gêneros literários como o fictício, o histórico, o romântico e o poético.

Sendo assim, a hermenêutica de Ricoeur é apropriada para entender como é construída a memória na literatura machadiana. Importante autor do século XVIII, Machado de Assis retratou o contexto carioca de sua época e, com isso, permitiu que historiadores se apoiassem em suas narrativas ficcionais para melhor compreender o período histórico no qual estão inseridas suas obras (Chalhoub, 2003).

Dessa forma, com base no entendimento das teorias da memória, eis que surge uma questão que norteia a abordagem deste estudo: qual a concepção de memória que emerge nas referidas obras de Machado de Assis e de Paul Ricoeur?

Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a concepção de memória na ficção romancista *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e na obra *A Memória, A História e o Esquecimento*, bem como apresentar algumas singularidades da referida obra machadiana à luz da teoria de Ricoeur.

Material e método

Trata-se de um artigo de revisão narrativa com abordagem qualitativa, visto que considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o objeto de estudo. Segundo Minayo (2002, p. 21), a pesquisa qualitativa “[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

O *corpus* constituiu-se em bases bibliográficas, sendo que as fontes secundárias foram obtidas a partir do romance de Machado de Assis intitulado *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de 1894 e da obra de Paul Ricoeur traduzida no Brasil com o título *A Memória, A História e o Esquecimento* (2007). Logo, no sentido de dar melhor entendimento ao objetivo proposto foram usadas, de modo complementar, as obras *Tempo e narrativa. Tomo III*, também de Ricoeur, publicada no Brasil em 1997; *Matéria e Memória*, de Henri Bergson, com publicação em 1999; e *A Memória Coletiva*, edição de 2006, do autor Maurice Halbwachs.

Procedeu-se a análise crítica dos livros a partir de uma revisão narrativa que é a mais adequada para estes tipos de estudos por ser considerada apropriada à discussão do estado da arte de um determinado assunto mediante uma base teórica e conceitual. Para Rother (2007), as revisões narrativas constituem-se a

partir da análise e interpretação crítica do autor acerca da temática escolhida com base em livros, artigos, revistas eletrônicas ou impressas.

A memória em Paul Ricoeur

A obra *A memória, a história, o esquecimento* (2007), de Paul Ricoeur, traz uma discussão muito interessante e abrangente sobre a tríade: memória, história e esquecimento. No entanto, neste texto, analisaremos como o campo da memória se estabelece em sua obra, bem como abordaremos de modo mais singular o esquecimento. Para esse autor, a memória e o esquecimento estão intimamente ligados, na medida em que a primeira enfatiza as razões que levam ao esquecimento.

Logo no início do seu livro, Ricoeur (2007, p. 23) nos chama a atenção e nos faz refletir acerca de duas questões: “[...] Do que lembramos? De quem é a memória?”. Essas indagações formuladas a partir da fenomenologia de Husserl colocam em evidência uma abordagem pautada no sentido de que “[...] toda consciência é consciência de alguma coisa”, e esta intencionalidade, para Ricoeur, suscita questionar que “[...] lembrar-se de alguma coisa é, de imediato, lembrar-se de si?”. O filósofo pondera ainda que no campo da memória houve durante muito tempo uma preferência pela questão ‘quem’, que foi logo questionada com o advento do conceito de memória coletiva.

Se nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel de conceito analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória (Ricoeur, 2007, p. 23).

Nesse sentido, ele propõe que partamos primeiramente da questão ‘o que?’ e, somente depois, à pergunta ‘quem?’ (Ricoeur, 2007, p. 23). Esta é a proposta inicial em sua obra: passar “[...] da lembrança à memória refletida, passando pela reminiscência”. E, dessa forma, poder-se-ia tratar a memória em seu aspecto coletivo (Ricoeur, 2007, p. 24).

Recorrendo à afirmação de Aristóteles, segundo a qual “[...] a memória é passado [...]”, Ricoeur (2007, p. 25) se vê diante de uma aporia que relaciona memória à imagem, pois “[...] dizemos indistintamente que nós representamos um acontecimento passando, ou que temos dele uma imagem, que pode ser quase visual ou auditiva”. O autor também diferencia o que é imaginação e memória.

A imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível, o utópico; a outra, a da memória,

voltada para a realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal por excelência da ‘coisa lembrada’, do ‘lembrado’ como tal” (Ricoeur, 2007, p. 26, grifos do autor).

Assim, Ricoeur (2007) entende a memória como uma experiência que o indivíduo tem de (re) significar ou de (re)presentar; assim sendo, ela permite trazer à tona dados que não se encontram no presente, fazendo com que se repense sobre algo, que se reflita sobre alguma realidade.

A memória é mais que a simples busca de uma imagem para representação do passado, é mais que um reservatório de lembranças. Ela se constitui de tal forma que é possível realizar a busca de um dado real que foi guardado, uma representação de fatos, dados ou coisas reais. A rigor, a memória é uma espécie de defesa contra o esquecimento por meio dos exercícios mnemônicos.

Ao incluir a problemática da imagem no que é lembrado, ou ainda, em como é formada a memória a partir da imaginação, Ricoeur (2007) incita o debate sobre qual a verdade da memória. Nesse ínterim, Ricoeur (2007, p. 27) fundamenta o que chama de “[...] estatuto veritativo da memória”, em outras palavras, um compromisso fiel com o passado. Porém, para isso ele recorre aos ensinamentos de Platão e Aristóteles que, respectivamente, entendem a memória como “[...] representação presente de uma coisa ausente” e “[...] representação de uma coisa anteriormente percebida” (Ricoeur, 2007, p. 27); conferindo, dessa forma, um sentido de complementariedade dos antigos à sua teoria.

Ademais, Ricoeur (2007), ao apresentar um caráter valorativo da memória, acaba por traçar a fenomenologia embasada em uma tradição filosófica. Para tanto ele pontua algumas singularidades entre memória e imaginação. Para Ricoeur (2007, p. 61),

[...] certamente, dissemos e repetimos que a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal, do outro a posição de um real anterior.

Podemos também notar que Ricoeur valeu-se dos preceitos de Bergson para situar a diferença entre imaginação e memória, pois, no livro *Matéria e Memória*, o autor diz que,

[...] uma lembrança, à medida que se atualiza, sem dúvida tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me remeterá ao passado menos que tenha sido de fato no passado que eu tenha ido buscar, seguindo assim o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz (Bergson, 1999, p. 158).

Na leitura de Ricoeur (2007) é notável perceber que a memória é tratada e discutida na perspectiva de legitimar o discurso da história escrita, no sentido de conferir à memória um dever de legitimação, uma vez que afirma que “[...] a memória continua sendo a guardiã da problemática da relação representativa do presente com o passado” (Ricoeur, 2007, p. 100).

A memória em Brás Cubas

No livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que é considerado um romance moderno e psicológico da literatura brasileira, o leitor é surpreendido pelo inusitado de se tratar de uma obra narrada por um morto. A personagem principal, Brás Cubas, apresenta memórias que foi escrita por uma pessoa que já morreu e não por alguém que sabe que vai morrer. A obra se aproxima do niilismo de Nietzsche, pois, no prólogo ao leitor, o ‘defunto-narrador’ confessa ter se apropriado de um pessimismo para relatar a própria morte. Assim o livro é dedicado “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” (Assis, 1994, p. 1).

Além desse ineditismo inserido na lógica interna da obra, Machado de Assis insere, também, outros elementos que merecem uma reflexão, como é o caso do delírio protagonizado por Brás Cubas antes de morrer, durante o qual ele dialoga com Pandora, personagem bastante interessante por ser senhora do vazio e representar o delírio de Brás Cubas. Além disso, há uma presença enigmática de uma borboleta preta e, ao final, há um reencontro com o niilismo que vincula as reminiscências póstumas de Brás Cubas à filosofia de Nietzsche, quando o narrador diz: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria” (Assis, 1994, p. 140).

Feita esta análise inicial, podemos discurrir acerca de como é abordada e empregada a memória nesta obra. É inquestionável o interesse do autor pelo tema, especialmente neste livro em questão, no qual a memória é inserida por meio dos fatos narrados e das recordações vividas pela personagem central, Brás Cubas. Para Péres e Massimi (2008), tem-se nesta obra uma descrição qualitativa do uso da memória como uma experiência vivida. Ainda para esses autores, Machado de Assis revela com muita clareza diferentes aspectos da memória, na medida em que as lembranças são usadas de um modo muito dinâmico.

Outro fato interessante na obra é a possibilidade de analisar a memória em Brás Cubas do ponto de vista *halbwachsiano*, ou seja, Machado de Assis também faz referência às memórias coletivas, ao

fazer uso de memórias individuais. Para Halbwachs (2006), a memória individual não deve ser distanciada da coletiva, pois o resgate do passado não é possível de modo isolado. Nesse sentido, Brás Cubas, ao usar as suas memórias pessoais, está recorrendo às memórias coletivas. Afinal, como aponta Halbwachs (2006), o indivíduo que evoca seu passado não raro o faz apoiado em lembranças de outros indivíduos.

Além disso, neste romance, o autor busca, por meio de seu narrador ficcional, fazer um resgate de seu passado no intuito de desvelar, aos leitores, sua própria existência. O enfoque nos pequenos detalhes rememorados, bem como nos gestos descritos, nos remete a uma questão que surge ao tratarmos de memória, o tempo. A duração do tempo para Brás Cubas é algo muito particular, o que fica evidenciado em vários trechos do livro:

Começo a arrepender-me deste livro. [...] porque o maior defeito deste livro é tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ebrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... (Assis, 1994, p. 78).

Brás Cubas faz referência a um tempo próprio de sua existência, que se dilata em um tempo psicológico. A construção desses detalhes dá à obra este efeito de um tempo próprio, no qual o narrador imprime a sua experiência na temporalidade vivenciada.

A rigor, é pertinente recorrer à teoria de Bergson (2006) neste momento visto que é perceptível em Brás Cubas uma singularidade com a teoria bergsoniana. Sendo assim, Bergson (2006) entende que a noção de tempo está associada a uma sucessão de acontecimentos que ocorrem no decorrer da vida e que se vinculam à memória da consciência. Esta última, por sua vez, tem a capacidade de organizar o que é antes e depois, bem como de conferir ao acontecimento uma duração, entendida pelo autor como o correr do tempo uno e interpenetrado. Ainda, segundo o autor, a duração está relacionada à intuição. Este fenômeno pode ser claramente observado no seguinte trecho:

Meu caro crítico,
Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero

dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! é preciso explicar tudo (Assis, 1994, p. 126, grifo do autor).

A noção de tempo em Brás Cubas pode ser entendida de acordo com Bergson, pois “[...] não há dúvida de que o tempo, para nós, confunde-se inicialmente com a continuidade de nossa vida interior” (Bergson, 2006, p. 51). Nesse sentido, é possível perceber, tanto na concepção de tempo em Brás Cubas como em Bergson, que há uma referência ao passado como elemento complementar e constituinte do presente. Esse passado que é a condição de movimento do tempo. Essa noção de tempo percebida em Brás Cubas e estudada por Bergson está ancorada no campo da memória e é sustentada por um fluxo interno da consciência humana.

Outra análise que emerge dessa leitura é o fato de que a memória é tratada como arte. Nessa obra de Machado de Assis, a narração dos fatos pelo defunto-autor traz à tona aquilo que está nas vésperas do esquecimento. Isto é, ainda que a ação do tempo concorra contra a memória, o texto se atualiza a cada leitura. Entretanto, o ato de ficcionalizar os processos que envolvem a memória fez do romance machadiano uma obra em que a memória é tratada como arte.

Assim, a relação que se estabelece entre ficção e memória é um dos focos da obra, na medida em que Machado de Assis nos convida a entender que a ficção literária utilizada por ele é um dos componentes que não se distancia da realidade:

[...] ao narrar a história de vida de um defunto autor, Machado transgrediu os limites da verdade na condição de que o próprio enunciador das memórias ser um defunto (Siqueira, 2010, p. 18).

Em Brás Cubas, a memória, usada enquanto recurso artístico, revela-se como autêntica, pois a lembrança evocada por Brás Cubas confere à memória um significado de verdade, uma legitimidade. As narrativas estabelecem um pacto entre o autor e o leitor, ou seja, fazem destes cúmplices do que está sendo narrado. Nesse sentido,

[...] as memórias, portanto, são uma busca de recordações por parte do eu-narrador com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para o momento presente e para o momento posterior do qual este eu-narrador escreve (Siqueira, 2010, p. 28).

Por fim, destaca-se, em *Brás Cubas*, uma memória que está intimamente ligada à individualidade e à imaginação do narrador, que vai dando o contorno às suas recordações. Há também

um aspecto de reminiscência do passado, revelado pelo caráter orgulhoso com que aquele narra as suas memórias. Estas, por sua vez, são trabalhadas por meio da evocação de seu comportamento enquanto esteve vivo e o significado conferido a elas por Brás após sua morte. A consciência também está evidenciada pela rememoração de suas sensações pretéritas, mediante a qual Brás Cubas faz reflexões sobre sua vida, suas motivações e seus desejos por meio de suas memórias póstumas.

Singularidades

Tentar traçar um diálogo entre um filósofo francês contemporâneo como Paul Ricoeur e um escritor romancista brasileiro como Machado de Assis é, de antemão, uma tarefa árdua, por alguns motivos. Primeiro, a diferença de tempo em que as obras foram escritas e, segundo, que não houve influência de um na obra do outro, até mesmo pelo estilo próprio de cada um. Porém, este texto tem a pretensão de traçar algumas singularidades que são perceptíveis entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* à luz da leitura de *A Memória, A História e o Esquecimento*.

Nesse sentido, ao analisar o referido romance machadiano, percebe-se que é a partir de seu narrador principal, diga-se de passagem, um defunto autor, que a realidade narrada está vinculada à sua imaginação. Este fato nos faz suscitar que esta obra seria meramente ficcional, porém, se analisarmos o contexto histórico da época em que foi escrita, percebemos muitas semelhanças com a sociedade de então. Assim, Machado de Assis nos dá a oportunidade de conhecer, a partir de uma ficção romancista, uma corte escravocrata do século XIX.

Em Ricoeur (2007, p. 274-275), temos uma diferenciação entre a narrativa de ficção e a história, uma vez que, para ele, são coisas distintas, onde “[...] distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora informalizado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor.”

No entanto, em *Tempo e Narrativa III* (1997), o próprio Ricoeur, afirma que há uma singularidade entre a narrativa histórica e ficcional, pois,

A ficção é quase histórica tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia tão logo a quase-presença dos acontecimentos colocados 'diante dos olhos' do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o caráter esquivo da passividade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase história na medida em que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos

passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história (Ricoeur, 1997, p. 229, grifo do autor)

Ainda para o filósofo francês, “[...] a relação é, aliás, circular: poderíamos dizer que é como quase histórica que a ficção confere ao passado essa veracidade de evocação que faz de um grande livro de história uma obra-prima literária” (Ricoeur, 1997, p. 330).

Nesse sentido, temos em Brás Cubas uma narrativa fictícia, mas que, pela proximidade com o cenário social da época, nos é oferecida também uma narrativa quase histórica, na qual é retratada uma representação do tempo passado.

A rigor, na leitura de Machado de Assis, podemos perceber que o uso da memória privilegiou uma reflexão sobre como era escrita a história por meio das relações que Brás Cubas conservava com a memória. E, de modo similar, como esta personagem central ia rememorando fatos passados por meio de sua imaginação. Dessa forma, este romance não teve a pretensão de desenhar uma realidade para o uso da história; nele, o uso da imaginação estabeleceu um nexo de proximidade da narrativa com a realidade da época. Recorrendo a Ricoeur (2007) entendemos que o caráter imaginativo, que foi estabelecido na recordação de Brás Cubas, constituiu uma relação de proximidade com a memória abordada em Ricoeur, por meio da narrativa e de suas lembranças.

Ainda para Ricoeur (2007), a memória está relacionada a algo vivido no passado, algum fato que ocorreu. Já a imaginação diz respeito a algo ficcional, que não tem a obrigatoriedade de ter efetivamente acontecido. Ambas, no entanto, estão vinculadas com um acontecimento que não está presente, está ausente. Essa diferenciação entre a memória e a imaginação, bem como a ideia de algo ausente, nos aproxima com a narrativa em Brás Cubas, uma vez que o sujeito é o narrador, que mesmo depois de morto, continua a existir, rememorando o ausente e narrando os fatos.

A imaginação em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* cria uma temporalidade que ultrapassa o tempo do mundo para contar uma história, sem necessariamente ter a obrigatoriedade de ser fiel à realidade. Sendo assim, para Ricoeur (2007, p. 438), “[...] se uma lembrança volta, é porque eu a perderei; mas se, apesar disso, eu a reencontro e reconheço, é que sua imagem sobrevivera”. Portanto, a narrativa ficcional atribui a um tempo imaginado certa existência, que por sua vez se relaciona com o reconhecimento de uma lembrança, de uma imagem.

Considerações final

Por todo o exposto, fica evidenciado que a teoria de Ricoeur contribuiu de forma significativa para a análise pontual da obra machadiana. A partir da interpretação e compreensão dos conceitos de Ricoeur foi possível entender sob que perspectiva foi abordada a memória em Brás Cubas.

Ficou evidenciado, também, que a memória, enquanto recurso ficcional e artístico, foi empregada por Machado de Assis para entender o passado a partir das narrativas de seu personagem central e que estas corresponderam a um conjunto de fatos que foram rememorados por Brás Cubas, mas não apenas na esfera individual, como também vinculada a um contexto polissêmico, ou seja, baseados em uma perspectiva política, cultural e social; o que tornou possível analisar a obra sob a perspectiva da memória coletiva halbwachiana.

Finalmente, a partir da narrativa ficcional de Machado de Assis é possível entender a sociedade escravocrata da corte do século XIX, visto que o potencial de referência contido na obra nos permite, por meio da leitura de Ricoeur, apontar que em *Brás Cubas* tem-se uma narrativa quase histórica.

Referências

- Assis, J. M. M. (1994). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar.
- Bergson, H. (1999). *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (Paulo Neves, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bergson, H. (2006). *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein* (Cláudia Berliner, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Chalhoub, S. (2003). *Machado de Assis, historiador*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva* (2a ed., 7a reimp.). São Paulo, SP: Edições Centauro.
- Minayo, M. C. S. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (21a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Péres, S. P., & Massimi, M. (2008). O conceito de memória na obra de Machado de Assis. *Memorandum*, 15, 20-34.
- Rangel, M. M., Pereira, M. H. F., & Araújo, V. L. (2012). O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. In *Caderno de resumos & Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia* (p. 299-305). Ouro Preto, SP: EdUFOP.
- Ricoeur, P. (1997). *Tempo e narrativa. Tomo III*. (Roberto Leal Ferreira, trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp.
- Rother, E. T. (2007) Editorial: revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paul Enfermagem*, 20(2), 5-6. doi: 10.1590/S0103-21002007000200001
- Siqueira, L. R. (2010). *O herói das memórias: Análise em memórias póstumas de Brás Cubas e memórias de um sargento de milícias* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Vilarinho, M. (2013). O mundo do texto na hermenêutica de Paul Ricoeur: um breve estudo sobre as narrativas ficcional e histórica nos trabalhos do literato Machado de Assis e do historiador Sidney Chalhoub. *Revista de História*, 5(1-2), 359-379.

Received on October 1, 2016.

Accepted on August 16, 2017.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.